

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

UM ESBOÇO DE ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO NA ORALIDADE

Iara Bemquerer Costa^{*}
Maria Alice Maschio de Godoy^{**}

Em entrevistas orais gravadas, os entrevistados são frequentemente levados a expor seu ponto de vista sobre questões que lhe são propostas pelo entrevistador. Ao fazê-lo, elaboram textos argumentativos, em que expõem sua opinião sobre o tema proposto e reúnem um conjunto de argumentos como evidências para a sustentação das teses defendidas. Um conjunto de técnicas argumentativas são utilizadas de forma recorrente nesses textos. A observação sistemática das mesmas foi o ponto de partida para este estudo.

Foram escolhidos para análise nove textos argumentativos, todos produzidos por falantes com escolaridade de segundo grau,¹ nos quais se procurou identificar quais são as técnicas argumentativas escolhidas preferencialmente pelo falante. As entrevistas em que os textos foram recortados foram dirigidas segundo as técnicas desenvolvidas pela sociolinguística variacionista, de forma que os falantes não tiveram acesso prévio aos temas que foram propostos pelos

* Universidade Federal do Paraná

** Mestranda em Letras da Universidade Federal do Paraná

1 Esses textos foram retirados de entrevistas do Banco de Dados Lingüísticos VARSUL e fazem parte do *corpus* selecionado para o projeto A articulação textual do português falado (CNPq - processo 301279/95)

entrevistadores. Assim, a apresentação de sua tese, a escolha e a ordenação dos argumentos nesse tipo de discurso são feitas sem um planejamento prévio.

O baixo grau de planejamento dos textos cria condições para a emergência de formas de argumentação que são percebidas pelo falante como mais acessíveis para uso na situação de entrevista. A identificação dessas técnicas argumentativas mais prontamente acessíveis ao falante pode fornecer um ponto de partida para trabalhos posteriores que visem a diversificação das técnicas que o falante pode mobilizar na construção de seu discurso.

Uma das consequências das condições particulares em que os discursos estudados são produzidos é uma variação no grau de convicção com que as teses são defendidas. Como o falante se vê diante de uma questão que lhe é proposta durante a entrevista, responde-a expondo seu ponto de vista e usando os argumentos que lhe parecem adequados no momento, e que ele defende às vezes sem muita segurança. Daí a necessidade de se estudar, junto com as técnicas argumentativas, também os marcadores de atenuação ou ênfase, que indicam, no discurso, os diferentes graus de convicção com que o falante defende seu ponto de vista sobre as questões que o entrevistador lhe propõe.

O mapeamento das técnicas argumentativas nos textos não é suficiente para que se possa evidenciar as razões da escolha que o falante faz de algumas entre as técnicas disponíveis com o objetivo de obter um certo efeito sobre o interlocutor. Para tanto, é necessário examiná-las a partir de uma teoria da argumentação, como a formulada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, no seu *Tratado da argumentação*.² Para esses autores, “o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*” (grifo dos autores).³ Algumas questões prévias se colocam para a formulação de uma teoria da argumentação. Primeiramente, é necessário levar em conta que a adesão do interlocutor a uma tese tem intensidade variável. Daí a necessidade de se estabelecer uma distinção entre os raciocínios e procedimentos discursivos relativos à argumentação, associados à promoção ou aumento da adesão a uma tese, daqueles relativos à demonstração e à dedução. Nestas, procura-se chegar a evidências absolutas, através da apresentação de provas, que devem demonstrar determinadas proposições, de forma cabal, de modo a levar qualquer indivíduo normal a aceitá-las.

Em segundo lugar, não se pode esquecer que as técnicas são selecionadas pelo falante levando em conta, primeiramente, seu interlocutor, ou, nos termos

2 PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

3 *Ibid.*, p. 4.

de Perelman e Olbrechts-Tyteca, seu *auditório*, definido como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”.⁴ Ainda, segundo eles, “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige”.⁵ O falante define seus procedimentos argumentativos a partir de uma representação, uma imagem do seu interlocutor, que pode ser (ou não) construída com base no conhecimento real do grupo particular de indivíduos que fazem parte do seu auditório. O conceito de representação do auditório se aproxima do *jogo de imagens* de Pêcheux,⁶ que usa esse conceito para mostrar que a construção do discurso é influenciada por um conjunto de formações imaginárias que o falante tem de si próprio, do interlocutor e do referente.

A imagem do auditório leva o falante a pressupor que seus interlocutores aceitam um conjunto de premissas implícitas, que são admitidas como um *acordo* prévio, sobre o qual toda a argumentação é construída. Faz parte desse acordo a aceitação de um conjunto de fatos, verdades, hierarquias, valores, presunções. Os objetos de acordo, que permanecem na maior parte das vezes implícitos, sustentam em grande parte a argumentação.

Um exemplo

No texto abaixo, é possível observar algumas questões interessantes em relação à representação do interlocutor (o auditório, na concepção de Perelman e Olbrechts-Tyteca) e ao acordo pressuposto entre os interlocutores. Trata-se de parte de uma entrevista feita com uma informante de Pato Branco-PR, que trabalha em programas de recuperação de meninos de rua, como membro do Conselho Tutelar da Infância e da Adolescência. No texto, ela faz uma comparação entre as dificuldades encontradas ao atuar junto aos meninos e às meninas, e expõe sua tese de que o trabalho com meninas é mais difícil.

Falante: Agora, é bem mais fácil você trabalhar com meninos do que com meninas.

4 PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *op. cit.*, p. 22.

5 *Ibid.*, p. 26.

6 PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

Entrevistador: Por quê?

Falante: As meninas começam a se prostituir muito cedo. Então pra elas a vida na rua é uma festa.

Entrevistador: Com que idade?

Falante: Ah, doze, uns treze. Nós temos menina ali com catorze anos que já tem filho. E elas pegam carona, conhece... Tem meninas aí que conhecem o Brasil inteiro, chegam e contam. E você vai, arruma um emprego pra ela, arruma matrícula no colégio, tudo. “Mas quem te pediu isso? Eu estou vivendo a vida que eu quero.” Então, uma das propostas minhas de permanecer no Conselho ainda é pra ver se a gente consegue com alguma igreja, alguma coisa, fazer um trabalho com as meninas. Não querer impor uma coisa de cima pra baixo – né? – mas sim começar a conquistá-las e a reuni-las, ir discutindo problemas delas até ir... ver o quê que elas querem, que de repente elas estão só no oba-oba, né? e amanhã elas...

Entrevistador: Esquece que o tempo passa, né?

Falante: Sim, e esquece o risco que está correndo. E amanhã, depois, o quê que será delas? Então a gente está tentando fazer alguma coisa por elas também. E o menino, não sei se é porque sempre eu trabalhei mais com menino, eu acho que ele é até menos agressivo do que a menina. Que a menina, se precisar brigar, ela briga mesmo. E tem os mesmos vícios dos meninos: cheira cola, fuma maconha, bebe e se prostitui. E os meninos, nem todos eles se prostituem. Então, sei lá, e... a gente brinca que é... O pessoal do Conselho chateia: “Olha as tuas rolinhas aqui.” Diz que as meninas são as minhas rolinhas, (riso) que elas só procuram a Loris, só querem falar comigo, né? Achei... Comigo elas jogam limpo, elas contam tudo que acontece. De repente esses tempos veio até... veio uma que estava na prostituição. E ela com a maior cara de pau me falando, diz: “Olha, a gente tem comida, tem roupa, única coisa que a gente faz é de noite beber e dançar. E se quiser transar, vai transar. Tem até piscina lá. Eu vou pedir pro juiz me dar uma ordem pra mim ficar lá, porque eu vou ficar fazendo o quê aqui em casa, heim? Pra mim viver aí eu tenho que trabalhar de bóia-fria, arrancar feijão o dia inteiro, morrer de dor nas costas. E ganha uma miséria. E lá eu ganho o dobro numa noite.” Então me arrependo até. Como é que você vai pôr na cabeça dela que hoje ela está ganhando bem, mas e

amanhã, como é que vai ser? É uma coisa bem difícil, bem complexa. (PRPBR12)⁷

Observando nesse texto a escolha e a ordenação das técnicas argumentativas, temos o seguinte: a entrevistada começa pela explicitação de sua tese: *Agora, é bem mais fácil você trabalhar com meninos do que com meninas*; a seguir, apresenta uma proposição que resume a argumentação a ser desenvolvida: *As meninas começam a se prostituir muito cedo. Então para elas a vida na rua é uma festa.*

As técnicas argumentativas utilizadas na sustentação dessas afirmações são:

a) comparação:

As meninas começam a se prostituir muito cedo. [...] E os meninos, nem todos eles se prostituem.

E o menino [...] eu acho que ele é até menos agressivo do que a menina.

Que a menina, se precisar brigar, ela briga mesmo. E tem os mesmos vícios dos meninos: cheira cola, fuma maconha, bebe [...]

b) exemplo real:

Nós temos menina ali com catorze anos que já tem filho.

c) ilustração real:

O pessoal do Conselho chateia: 'Olha as tuas rolinhas aqui.' [...]

De repente esses tempos veio até... veio uma que estava na prostituição.

A escolha desses recursos argumentativos vem acompanhada de marcas que remetem ao grau de convicção da informante sobre seus enunciados, especialmente a utilização de expressões como *eu acho*, *não sei*, *sei lá*, que modalizam a apresentação dos argumentos, revelando um certo grau de insegurança da entrevistada em relação ao que ela mesma enuncia. Esses elementos funcionam como atenuadores das proposições:

[...] "eu acho" que ele é até menos agressivo do que a menina.

E o menino, "não sei" se é porque eu sempre trabalhei com menino [...]

Então, "sei lá" [...]

Se forem consideradas as técnicas argumentativas selecionadas, elas são bem escolhidas para os propósitos da falante. Tanto o exemplo real quanto a

7 As referências às entrevistas são feitas conforme a codificação adotada no Banco de Dados Lingüísticos VARSUL, conforme apresentado em KNIES, Clarice Bohn; COSTA, Iara Bemquerer. *Banco de Dados Lingüísticos VARSUL: manual do usuário*. UFRGS/UFSC/UFPR/PUC-RS, 1996. A sequência PRPBR12 significa: Paraná, Pato Branco, entrevista 12.

comparação e a ilustração real escolhidas têm a particularidade de tornar presentes na consciência do interlocutor fatos e depoimentos que têm um poder de persuasão bastante forte. Como explicar, então, as hesitações e atenuações presentes no discurso?

Aqui é importante analisar a organização da fala de Loris a partir dos conceitos de auditório e acordo formulados por Perelman e Olbrechts-Tyteca. O interlocutor imediato da falante é seu entrevistador; este representa o auditório, com quem ela estabelece facilmente um acordo em torno de um conjunto de valores:

a) os meninos de rua convivem com várias coisas ruins: bebida, drogas e prostituição;

b) a reabilitação dessas crianças se dá mediante seu acesso à educação e ao trabalho;

c) a possibilidade de acesso das crianças à escola e ao trabalho deve levá-las a compartilhar dos valores positivos que lhe são apresentados.

O entendimento das hesitações da informante e da própria formulação de sua tese de que o trabalho com meninos é mais fácil que com meninas tem a ver com o auditório e o acordo e não com as técnicas utilizadas na construção da argumentação. Enquanto na sua interação com o entrevistador ela consegue selecionar e ordenar os argumentos a partir do acordo em torno de um conjunto de valores, na interação com outro auditório, o das meninas de rua, o acordo não é possível. Para a falante, o auditório que ela gostaria realmente de influenciar com sua argumentação não aceita o acordo em torno dos valores relacionados à educação e ao trabalho, e se contrapõe ao acordo implícito no seu discurso mediante a explicitação de um conjunto alternativo de valores. Daí a consciência que ela revela de que para ter alguma influência sobre esse auditório seria necessário estabelecer algum acordo inicial: [...] *começar a conquistá-las e a reuni-las, ir discutindo os problemas delas até ir... ver o quê que elas querem [...]*.

Argumentos usados no texto oral não planejado

As evidências que a falante apresenta no texto acima para a sustentação de seu ponto de vista são representativas do uso de recursos encontrados no conjunto de textos analisados. Os argumentos utilizados nesses trechos de entrevistas orais se concentram basicamente em dois tipos:

a) argumentação centrada na apresentação de casos particulares (uso de exemplos e ilustrações);

b) argumentação centrada no raciocínio analógico (uso da comparação).

Um rápido levantamento quantitativo mostra a seguinte distribuição dos argumentos utilizados pelos nove entrevistados entre os tipos caracterizados acima:

Quadro 1 - Argumentos do texto oral não planejado

Apresentação de casos particulares	
exemplos reais	9
exemplos hipotéticos	6
ilustrações reais	9
ilustrações hipotéticas	5
total	29
raciocínio analógico	15
outros	14

A grande maioria dos argumentos utilizados se enquadra nos “argumentos baseados na estrutura do real”, que, segundo a classificação de Perelman e Olbrechts-Tyteca, contrapõem-se aos “argumentos quase-lógicos”. A diferença entre os dois tipos é que

[...] enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover.⁸

A vinculação entre as evidências apresentadas pelos falantes e a realidade mais próxima é crucial na construção dos textos argumentativos orais. No texto não planejado, o testemunho do falante, aquilo que ele viu, ou que acontece com alguém que lhe é próximo, é a prova mais forte que ele tem a apresentar na sustentação de sua tese. É nessa realidade imediata que ele busca os exemplos e ilustrações e os elementos para o raciocínio analógico.

Mesmo os exemplos e ilustrações hipotéticas, que não têm o compromisso da correspondência com fatos reais, são formulados de modo a espelhar a realidade, tendo com a mesma uma relação de verossimilhança.

É possível fazer algumas observações sobre cada uma das formas que essa argumentação pode assumir.

8 PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *op. cit.*, p. 297.

Argumentação centrada na apresentação de casos particulares

O uso de exemplos e ilustrações que fazem referência ao contexto imediato é a técnica argumentativa de uso mais freqüente no *corpus* analisado. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, “o recurso ao caso particular [...] pode desempenhar papéis muito variados: como exemplo, permitirá uma generalização; como ilustração, esteará uma regularidade já estabelecida; como modelo, incentivará a imitação.”⁹

O exemplo e a ilustração têm em comum a característica de partirem da utilização de um fato particular para a comprovação de um princípio geral. A diferença entre ambos é que enquanto o exemplo é apresentado para ajudar a formular e estabelecer esse princípio geral, “a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclareçam o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade de aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência”.¹⁰

O uso do exemplo como argumento pode ser visto no trecho abaixo, em que a entrevistada utiliza a informação de que o filho estudou sempre em escola pública para formular a generalização de que a escola pública não permite o desenvolvimento satisfatório do raciocínio.

O raciocínio está muito atrasado. Sabe por que que eu digo que está muito atrasado? Como você vê, uma criança que faz hoje em dia, principalmente... Eu... eu tenho experiência do... do... principalmente do meu filho mais velho, que ele já estudou sempre em escola pública. Uma criança que estuda hoje em dia em escola pública, ele faz a oitava série, ele vai fazer um curso pra tentar fazer um... qualquer concurso pra CEFET,¹¹ qualquer coisa assim, dificilmente passa. (PRCTB18)¹²

Depois de expor seu ponto de vista e correlacionar a baixa qualidade do ensino público com as notas altas das crianças, a informante retoma sua experiência de mãe de uma criança de escola pública, agora como ilustração:

9 PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *op. cit.*, p. 399.

10 *Ibid.*, p. 407.

11 Sigla utilizada correntemente em Curitiba para designar o Centro Federal de Educação Tecnológica, escola técnica mantida pelo governo federal.

12 PRCTB18: Paraná, Curitiba, entrevista 18.

Inclusive eu tenho o boletim, eu tenho o boletim desse meu aqui, você fica boba se você vê as notas que ele tinha no primeiro, segundo, terceiro ano, foi inclusive o que eu falei pra essa diretora, porque o dia... o dia que ele reprovou aqui na... no Amâncio Moro, ela jo... ela teve o gosto de jogar na minha cara, sabe? Dizia pra mim assim que ela não sabe como é que ele estava na sétima série. (PRCTB18)

Tanto o uso de exemplos quanto de ilustrações podem se basear não na referência a fatos reais, mas em elaborações hipotéticas, construídas pelo falante. É o que se vê no trecho abaixo, em que o falante constrói uma ilustração hipotética para sustentar sua tese de que o aumento populacional das cidades grandes é causado pelo êxodo rural e falta de controle da natalidade.

É, eu acho que aí é o seguinte: muita... muita gente apareceu, essas favelas principalmente em função de que a cidade atrai o pessoal. Porque tem uma família no interior e dessa família saiu um... um... uma certa pessoa. Um elemento saiu de lá e... e... e veio pra cidade, né? De repente ele veio aqui, ele arrumou um certo trabalho que deu até uma certa condição razoável, né? Aí ele volta pra fazer uma visita pra família. Ele chega lá, ele diz: "Não, eu estou bem, e já deu pra comprar isso, pra comprar aquilo." Ele influenciou aquela família, né? (PRCTB05)¹³

Tanto no uso de exemplos e ilustrações reais quanto hipotéticos a forma de raciocínio é a mesma: parte da relação entre fatos particulares e generalizações que eles ajudam a estabelecer.

A preferência maciça que os falantes mostram por esse tipo de técnica argumentativa pode ser relacionada a duas características. Primeiramente, o raciocínio que fundamenta o uso de exemplos e ilustrações é facilmente mobilizado num texto sem planejamento prévio, uma vez que ele está centrado na constatação de um vínculo entre uma afirmação geral e um caso particular. Em segundo lugar, o uso do exemplo, e sobretudo da ilustração, permite que o falante introduza na argumentação uma grande quantidade de detalhes que contribuem para que a adesão do interlocutor ao ponto de vista do falante não se dê só pelo apelo racional, mas também pelo emocional.

13 PRCTB05: Paraná, Curitiba, entrevista 5.

No entanto, o uso freqüente do exemplo e da ilustração na argumentação oral levanta o problema da relação entre os casos particulares apresentados e a generalização que se constrói a partir dos mesmos. Se a escolha não recair sobre fatos típicos, representativos, exemplares, de um princípio geral, corre-se o risco de formular generalizações apressadas,¹⁴ de atribuir indevidamente a uma classe de indivíduos ou fatos características que, embora presentes no caso particular escolhido, não se apliquem à totalidade dos indivíduos ou fatos incluídos na generalização.

Argumentação centrada no raciocínio analógico

No *corpus*, os entrevistados utilizaram bastante um tipo de argumento que se apóia no raciocínio analógico: sustentação de sua opinião a partir de comparações. Perelman e Olbrechts-Tyteca apresentam nos seguintes termos a organização prototípica da argumentação por analogia:

Parece-nos que seu valor argumentativo será posto em evidência com maior clareza se encararmos a analogia como uma similitude de estruturas, cuja fórmula mais genérica seria: A-está para B assim como C está para D.¹⁵

Nos usos de comparação encontrados nas entrevistas orais, o esquema básico encontrado com o uso do raciocínio analógico corresponde à fórmula: *A é diferente de B com relação à propriedade C* ou *A é semelhante a B com relação à propriedade C*. Na maioria dos casos, a existência da diferença ou semelhança apontada não é suficiente para a sustentação do ponto de vista que o falante quer defender.

Há em alguns casos o uso de uma comparação que não se relaciona diretamente ao ponto de vista expresso. No exemplo a seguir, a informante defende o ponto de vista de que há muita pobreza porque *talvez seja mais fácil pedir do que trabalhar*. Apresenta como argumento a seguinte comparação:

Então eu acredito que talvez seja... sejam os sítios que... de que não... não há mais café, né? Quando tinha o problema de... as

14 Ver COPI, Irving M. *Introdução à lógica*. São Paulo: Mestre Jou, 1974. p. 83.

15 PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, *op. cit.*, p. 424.

colheitas de café, o pessoal morava no sítio, tinha tudo. Agora é só soja, soja, quer dizer que então as... os maquinários fazem tudo, né? Então não tem serviço para o homem, né? (PRLDN11)¹⁶

Observe-se que, enquanto em sua tese a entrevistada relaciona a pobreza à preguiça, à busca das soluções fáceis, ao fazer a comparação entre o período em que predominou o cultivo do café na região e a fase em que este foi substituído pela soja, o parâmetro escolhido para fazer a comparação entre as duas situações é a mecanização da agricultura. Na comparação, cria-se condições para se relacionar a pobreza com a menor necessidade do trabalho humano nas lavouras de soja em relação ao café, o que não representa, de forma alguma, o que é enunciado na explicitação da opinião da entrevistada.

Outro entrevistado, para sustentar o ponto de vista de que a atividade do trabalhador é pouco valorizada, compara:

Como é que é feito o aumento pros deputados e pros senadores? Eles se reúnem, no meu modo de entender, eles se reúnem às três horas e às sete horas eles dizem: “Nós vamos ganhar tanto.” E está aprovado. E quando é pro trabalhador? Aí fica um mês, dois meses, três meses, quatro meses, cinco meses, um ano, quando é pro trabalhador às vezes leva até um ano pra ser aprovado o aumento. (PRCTB17)¹⁷

Nestes dois exemplos, como na maioria dos usos da comparação como recurso argumentativo, a relação entre a semelhança ou a diferença apontada entre duas situações não apresenta evidência suficiente para a sustentação da tese. Em primeiro lugar, a forma como é construído o argumento analógico na oralidade é diferente dos modelos discutidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca, que analisam a utilização do raciocínio analógico centrado em uma relação proporcional entre quatro elementos. Mesmo na sua formulação prototípica, a validade do raciocínio analógico é muitas vezes questionável.

O uso da comparação como técnica argumentativa na oralidade tem a mesma vinculação com a realidade imediata encontrada no uso de exemplos e ilustrações. O falante concentra sua atenção em duas situações e observa que

16 PRLDN11: Paraná, Londrina, entrevista 11.

17 PRCTB17: Paraná, Curitiba, entrevista 17.

são semelhantes ou diferentes quando observadas a partir de alguma característica selecionada. A comparação feita é usada como evidência para o estabelecimento de uma generalização. A operação efetuada é mais complexa do que a mobilizada na argumentação com o uso de exemplos e ilustrações. Sua força argumentativa depende da ligação existente entre a constatação da semelhança ou diferença e a generalização que se pretende estabelecer a partir da comparação.

A frequência de uso da comparação na argumentação não planejada provavelmente está relacionada à grande difusão do pensamento analógico (e metafórico) no cotidiano. Observe-se, por exemplo, a frequência das analogias em piadas ou da metáfora na constituição do léxico.

A atenuação e ênfase

Em todos os textos analisados, os falantes mesclam a apresentação da tese e dos argumentos com uma série de expressões que apontam o grau de convicção com que defendem seu ponto de vista. São marcadores de ênfase ou atenuação.

Os marcadores de ênfase são raros. Aparecem, por exemplo, no seguinte diálogo:

Entrevistador: O senhor acha que isso aí seria uma... uma das razões até pra... pro crescimento da... da violência...

Falante: Mas “não tenha dúvida”. “É claro”, porque a condição hoje é difícil, né? não é todo mundo que tem uma condição fácil de... de sobreviver, em termos gerais, de trabalho, financeiro, tudo, né? (PRCTB05)

Já os marcadores de atenuação aparecem em todos os textos analisados. Os falantes recorrem com frequência a expressões como *acho*, *não sei*, *talvez*, *acredito*. Esta característica está relacionada ao tipo de entrevista de onde os textos foram retirados. Como não houve uma negociação prévia com os entrevistados sobre os temas que seriam discutidos durante a entrevista, os falantes marcaram sistematicamente a provisoriidade de suas afirmações.

Este conjunto de observações feitas a partir do levantamento das técnicas argumentativas utilizadas em nove textos tem o caráter de uma análise prelimi-

nar, que aponta direções para um estudo mais sistemático a ser desenvolvido posteriormente.

Há vários pontos que merecem uma retomada. Seria interessante fazer um estudo com o *corpus* ampliado, para que as técnicas argumentativas incluídas no quadro 1 como *outros* possam ser analisadas com base em um número significativo de exemplos. A ampliação do *corpus* pode possibilitar também uma análise comparativa das técnicas argumentativas utilizadas por falantes com níveis diferentes de escolaridade. A retomada posterior do tema deve também buscar compreender de forma mais segura porque os falantes recorrem sistematicamente a determinadas técnicas argumentativas para fundamentarem suas opiniões.

RESUMO

Procura-se neste trabalho identificar as técnicas argumentativas utilizadas de forma recorrente em um conjunto de trechos de entrevistas orais gravadas, caracterizadas pelo baixo grau de planejamento. Feito o reconhecimento dessas técnicas, procura-se compreender as razões pelas quais, na argumentação oral, os falantes escolhem sistematicamente algumas técnicas e não outras e analisar as vantagens e limitações dessa escolha.

Palavras-chave: argumentação, oralidade, retórica.

RÉSUMÉ

Il s'agit dans ce travail d'identifier dans un corpus organisé à partir d'interviews enregistrées, ayant comme caractéristique prédominante le bas niveau de planification, d'abord les techniques argumentatives dont le sujet a recours de façon insistante; ensuite, d'essayer de comprendre quelles sont les raisons qui mènent le sujet, dans l'argumentation orale, à choisir systématiquement quelques techniques en dépit d'autres. Finalement, d'analyser les avantages et les limitations de ce choix.

Mots-clé: argumentation, oralité, rhétorique.